

**CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE:  
UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA**

*Luana Carvalho Coelho* (UESB)

[luanacoelho90@hotmail.com](mailto:luanacoelho90@hotmail.com)

*Valéria Viana Sousa* (UFPB/UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

*Jorge Augusto Alves da Silva* (UFBA/UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

**RESUMO**

No presente estudo, disposto a verificar o comportamento do verbo *dar* em situações de uso efetivo da língua, objetivamos, à luz da teoria funcionalista, analisar o seu processo de gramaticalização, de verbo pleno a verbo suporte. Para atender a esse propósito, fomos guiados, sobretudo, pelos estudos de Neves (1996), Scher (2004) e Maciel (2005).

**Palavras-chave:** Verbo dar. Teoria funcionalista. Gramaticalização

**1. Considerações iniciais**

Ao considerar que o processo de variação na linguagem está relacionado a fatores sociais, percebe-se que, naturalmente, a língua em uso tem-se afastado das normas prescritas na tradição gramatical. Inovações surgem constantemente e novos conceitos, significados, palavras vão se formando. Nesse processo de variação/mudança linguística, nota-se que os fenômenos da linguagem são muito mais complexos do que as regras estabelecidas e, assim, em uma perspectiva funcionalista, pode-se afirmar que velhas formas passam a ocupar novos sentidos diante de uma necessidade expressiva na interlocução. Os verbos, principais elementos para a construção do discurso, assim como as demais classes de palavras, também passam por esse processo de variação e de gramaticalização. Os verbos gerais, como o *dar*, *ir*, *estar*, *fazer*, *haver*, são frequentes na língua, por esse motivo, e, levando em consideração que a língua é mutável e é moldada por seus usuários, acreditamos que os diversos tipos de verbo se relacionam à manipulação criativa da língua acionada por diferentes motivações comunicativas. Diante disso, os verbos, a rigor, podem ser classificados como pleno, suporte, formador de expressões cristalizadas. O verbo pleno é caracterizado pelo seu conteúdo semântico básico, no seu sentido canônico. O verbo suporte, por sua vez, possui um signifi-

cado mais esvaziado, mas, geralmente, em construções com um sintagma nominal, possui um significado que pode ser entendido de acordo com o grau de gramaticalização. Já as expressões cristalizadas são construções fixas na língua que devem ser entendidas como um todo.

Para estudar as estruturas com verbo nesta pesquisa, foi escolhido um verbo frequentemente utilizado na língua portuguesa, o que, em termos funcionalistas, pode ser caracterizado como um verbo produtivo, o verbo *dar*. Observando o uso desse verbo na língua, em diversos contextos de fala, é possível verificar a sua descentralidade fazendo surgir novas categorias gramaticais com as quais esse verbo se relaciona configurando-se, assim, a sua polifuncionalidade. O fenômeno de gramaticalização do verbo *dar*, em questão, não deve ser enquadrado apenas na categoria de verbo suporte. Salomão (1999), a esse respeito, afirma que o verbo *dar* tem um sentido básico capaz de irradiar muitos outros.

A partir dessa perspectiva, objetivou-se refletir sobre os diversos sentidos veiculados ao verbo *dar* no português brasileiro à luz da teoria funcionalista a fim de investigar a natureza categorial desse verbo. Com relação ao processo de gramaticalização, a pesquisa procura averiguar as características que afastam esse item da categoria lexical e o aproxima do caráter gramatical. Dessa forma, para investigar os novos sentidos atribuídos ao verbo *dar*, localizamos as ocorrências que continham esse verbo e realizamos a categorização em: verbo pleno, verbo predicador não pleno, verbo suporte, expressão cristalizada e a estrutura *dar x-ada*. Além disso, com base nos estudos de Neves (1996), Scher (2004) e Maciel (2005), procuramos constatar a natureza polissêmica do verbo *dar* com base no *Corpus* do Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista.

## **2. Teoria funcionalista**

A história da humanidade é marcada por diferentes tipos de interesses e abordagens acerca do fenômeno da linguagem para tentar compreender o funcionamento da língua. Como acreditamos na concepção de língua como um instrumento de comunicação, optamos por realizar a presente pesquisa, então, a investigação à luz da teoria funcionalista.

No século XX, o aparecimento do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, influenciou os estudos linguísticos a ter uma nova orientação com relação ao enfoque e ao objeto de estudo da

língua. A nova tendência, que se desenvolve a partir da publicação do *Cours*, teve sua primeira expressão nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, a partir de 1928. A corrente funcionalista surgiu dos trabalhos dos membros do Círculo, que viram, para além do conceito saussuriano, a função como um elemento essencial à linguagem.

As pesquisas sobre mudança linguística na perspectiva funcionalista ganharam força nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, quando os estudos se voltam à observação da língua por meio do contexto linguístico. Com o surgimento da linguística funcional, a teoria saussuriana dá lugar a uma concepção mais dinâmica da língua, “segundo a qual a linguagem funciona como um elemento criador de significação dos diferentes contextos de uso. Assim, passa-se a observar não apenas a palavra ou a frase, mas o texto, o qual reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas” (MARTELOTTA, 2008, p. 77). A partir do estudo da linguística funcional, a língua passa, então, a ser observada como reflexo do comportamento dos falantes em situação real de comunicação.

Os funcionalistas, dessa forma, consideram a função da forma linguística na comunicação, compreendendo que a língua esteja sujeita às pressões advindas do uso, mas sem perder de vista a estrutura que advém da comunicação, pois a regularidade da estrutura possibilita fazer generalizações. Além disso, para os funcionalistas, a gramática não é concebida por fatores cognitivos inatos, como defendem, a rigor, os gerativistas, mas por padrões do uso. Nas palavras de Martelotta, Votré & Cezario (1996),

a gramaticalização é uma manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas. (MARTELOTTA, VOTRÉ & CEZARIO, 1996, sem página)

Com a intenção de evidenciar a correlação entre língua e funcionamento, ressurgiu uma vertente nos estudos funcionalistas sobre mudança linguística: a gramaticalização. Segundo Neves (2006), a gramaticalização é

um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo [...] porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se aplica pela interação entre motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele. (NEVES, 2006, p. 20)

Na verdade, conforme Neves (1997), os estudos acerca do proces-

so de gramaticalização tiveram início na China, no século X, mas foi no século XX, com Meillet, que ele foi definido pela primeira vez. O linguista conceituou gramaticalização como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma.

Esse processo não ocorre repentinamente, mas de forma gradual, a cada etapa, de maneira lenta, novas funções vão surgindo para determinada forma, por isso, muitas vezes, os falantes não percebem as mudanças na língua. No entanto, há um fator imprescindível para que isso ocorra: a frequência. Considerando as ideias funcionalistas que postulam mudanças na gramática como resultado do uso social, a repetição do uso é um mecanismo que contribui para a gramaticalização. Para Tavares (2003), quanto mais geral o significado de uma palavra, maior o número de contextos em que pode acontecer, isso torna maior sua recorrência e, dessa forma, aumenta a possibilidade de migrar para a gramática em diferentes construções.

Como se vê, fica claro, então, que o essencial em um estudo funcionalista é verificar como acontece a comunicação/interação em uma língua e perceber, assim, que os itens linguísticos estão em constante reformulação por motivações internas e externas ao sistema linguístico.

### **3. Metodologia e corpus**

As amostras analisadas nesta pesquisa foram extraídas do *Corpus* de Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e do *Corpus* de Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC)<sup>93</sup>, organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq. Foram selecionadas, aleatoriamente, oito entrevistas, com quatro informantes pertencente a cada *corpus* e, nestas, foram retiradas as ocorrências do verbo *dar* para descrição e análise.

A seguir, a estratificação dos informantes está demonstrada no quadro abaixo.

---

<sup>93</sup> O projeto Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquistatem como fundamento os modelos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano. O projeto possui dois *corpora*: o *corpus* do PPVC contém 24 informantes com escolaridade abaixo de 5 anos; e o *corpus* PCVC com 24 informantes com mais de 11 anos de escolaridade.

Português Popular		
Informante	Sexo	Idade
CDS	Feminino	31 anos
EJR	Masculino	83 anos
WSO	Masculino	43 anos
ESP	Feminino	52 anos
Português Culto		
Informante	Sexo	Idade
CBS	Feminino	21 anos
JV B	Feminino	54 anos
RF V	Masculino	19 anos
JLS	Masculino	21 anos

**Quadro1: Informantes do Português Popular e Português Culto da comunidade de Vitória da Conquista – BA**

Amparados na teoria exposta, selecionados os informantes cujas entrevistas serão analisadas, passemos à próxima seção.

#### 4. O verbo *dar* em análise

São muitas as mudanças operadas pelo verbo *dar*, quando ele se junta a um nome ou a outro verbo, visto que, além de seu valor pleno de transferir, ceder alguma coisa, ocorrem variações do seu valor semântico básico. Alguns autores, como Neves (1996), Rassi e Vale (2013), Esteves (2008), identificam o verbo pleno pelo seu conteúdo semântico, isto é, como um verbo que deve apresentar um sujeito humano, um agente responsável pela transferência física de um objeto concreto para outro sujeito. Podemos esquematizar da seguinte forma:



Além do agente e do destinatário, a intencionalidade é um fator importante para o verbo ser considerado em seu modelo pleno. A forma plena mais prototípica do verbo *dar* foi encontrada apenas no *corpus* do Português Culto, um número muito inferior comparado as ocorrências com verbo suporte.

(1) Aí o pai *dá* um livro pra ele. JLS (*Corpus PCVC*)

- (2) Os pais num têm condição de dá aquele brinquedo pra ele. JVB  
(Corpus PCVC)

Nos dois casos, um objeto concreto é transferido, um livro e um brinquedo, das mãos dos pais/pai para o filho. Dessa forma, o verbo pleno apresenta comportamento lexical. Segundo Esteves (2008), o *dar*, nessa condição, é autônomo e está ligado a noção de transferência, é responsável por projetar argumentos e atribuir valor semântico.

Há, ainda, outra forma de verbo pleno, nesse caso, algo é transmitido, mas não um objeto concreto, como no exemplo anterior, e sim algo que possui um traço mais abstrato, como na ocorrência 3, quando *qualificação* e *recursos* serão os objetos transferidos e, nas ocorrências 4 e 5, quando o mesmo elementos abstratos, como trabalho e educação, são os complementos do verbo *dar*.

- (3) os docentes pra que vão passar aquela educação, dá a eles mais qualificação, dá a eles recursos. CBS (Corpus PCVC)
- (4) Pra num ficar dano trabalho pra minha mãe. WSO (Corpus PPVC)
- (5) Tem de saber dá educação. CDS (Corpus PPVC)

Outra categoria analisada nos *corpora* se distingue um pouco da categoria anterior, o verbo suporte. Segundo Neves (1999), os verbos suportes são semiesvaziados lexicalmente e formam com o Sintagma Nominal um significado global que pode ter correspondência com verbos plenos da língua. O esvaziamento que ocorre, de acordo com Neves (1999), provoca a perda das propriedades de transferência de algo concreto. Nos *corpora*, há expressões do tipo:

- (6) Sem dizer que um DVD você pode dar pausa nele, né? ESP  
(Corpus PPVC)
- (7) Graças a Deus, ele sempre me dá conforto EJR (Corpus PPVC)
- (8) Quando dava dez horas eu preocupava em voltar que minha mãe ficava preocupada RFV (Corpus PCVC)
- (9) Gosta muito de dar na vida dos oto. EJR (Corpus PPVC)

O emprego do verbo *dar*, em diferentes contextos, acarreta uma espécie de ressemantização, esse processo contribui para que tal item passe pela assimilação de algumas propriedades da categoria de verbo suporte. Nos exemplos 6 e 7, as estruturas *dar pausa* e *dá conforto* po-

dem ser substituídos por apenas um verbo, *pausar* e *confortar*. Isso ratifica a ideia de que o verbo suporte pode, em alguns casos, ser substituído por um verbo pleno de mesmo valor. O mesmo ocorre com o exemplo 8, mas o verbo *soar*, que é substituído pelo *dar*, é pouco utilizado na língua falada, por isso podemos afirmar que o verbo *dar* está se cristalizando nesse tipo de estrutura. Na última ocorrência, *gosta muito de dar na vida dos oto*, a ideia de transferência de um objeto é substituída por uma ação, o verbo perde o seu valor semântico básico de transferência. Nesse caso, a expressão composta pelo verbo *dar* funcionaria como “focar”.

Com relação as expressões cristalizadas na língua, encontramos, nos *corpora* analisados, expressões idiomáticas de conhecimento automático para o falante nas quais são transmitidas conhecimento comum. No primeiro exemplo 10, é mais comum ouvir a expressão “está osso” que pode significar uma situação difícil, em que a pessoa está tendo trabalho em resolver alguma coisa. Nesse caso, o informante diz “que dá o osso aqui”, porque precisa se esforçar muito para conseguir o que quer. No exemplo 11, o contexto permite que a expressão “dá um branco” seja parafraseada por “esqueci”. Há, também, expressões mais metafóricas que já se tornaram estáveis na língua, é o caso dos exemplos 12, 13 e 14, nos quais temos expressões bastante recorrentes, ou nos termos funcionalistas, expressões produtivas da língua, como “ dá tempo”, “ dá certo” e “ dá conta”. Observemos:

- (10) A dificuldade é muito pra mim e eu tenho que ficar é aqui, eu tenho que *dá o osso* aqui. EJR (*Corpus* PPVC)
- (11) Deixa aqui se eu lembro... agora *dá um branco*. ESP (*Corpus* PPVC)
- (12) Não, num vô não, num *dá tempo* não, *dá tempo* não. ESP (*Corpus* PPVC)
- (13) Morar na casa de sogra num *dá certo*. CDS (*Corpus* PPVC)
- (14) Eu tenho que *dá conta* do trabalho de 40 horas RFV (*Corpus* PCVC)

De acordo com Maciel (2005), as expressões idiomáticas mais ou menos metafóricas exercem funções diversificadas no texto, dependendo do nível de transparência de cada expressão, por isso o contexto é importante para analisá-las. Dessa maneira, conforme Maciel (2005), entendemos que a língua possui muitas estruturas que funcionam de inúmeras maneiras como se fossem palavras únicas. Encontramos, também, estru-

turas com uma sequência fixa, a construção *dá pra* apareceu de forma recorrente nos *corpora*:

- (15) Não *dá pra* comprar, roupa de marca é muito cara! ESP (*Corpus* PPVC)
- (16) *Dá pra* fazer um bom trabalho JVB (*Corpus* PCVC)
- (17) *Dá pra* sustentar... *dá pra* levar... a renda dele *dá pra* sustentar. CDS (*Corpus* PPVC)
- (18) Têm umas figuras nos estádios, um povo meio doido, *dá pra* rir bastante CBS (*Corpus* PCVC)

Aqui, percebemos uma extensão de sentido do verbo *dar*, visto que ele pode ser substituído por “é possível”. Poderia ser dito, então, não *é possível comprar* no exemplo 15; ou *é possível fazer um bom trabalho* no exemplo 16; ou *é possível sustentar e possível levar* no exemplo 17 ; ou ainda , no exemplo 18, *é possível rir bastante das figuras nos estádios*. Para Rassi e Vale (2013), o *dar*, nesse caso, se apresenta como verbo modal semelhante ao *can/may* do inglês, nesse sentido, o verbo indica capacidade ou competência, e toda estrutura deve ser classificada como construção gramatical. Tal interpretação condiz com a análise que realizamos em nossas ocorrências.

Scher (2005) também corrobora com estudos a respeito das construções com verbo suporte (ou leve, como prefere chamar). A autora observa que os responsáveis pelas associações temáticas de uma construção com verbo suporte são os elementos nominais que os compõem, formando os predicados complexos. A linguista, assim, desenvolve um trabalho sobre as construções com o verbo *dar* como resultado da associação desse verbo a uma nominalização em *-ada* (dar uma X-ada), que, em geral, pode ter a interpretação de *um pouco*. Scher (2005) chama atenção, nesse tipo de sentença, para o fato de que a interpretação aproximada da construção *X-ada* para um verbo pleno pode sugerir que a contribuição do *dar* é muito pequena ou até inexistente. Porém, não se deve generalizar a ideia de que o verbo suporte é vazio de significado, pois, a depender do grau de gramaticalização, o verbo pode possuir algum valor semântico. Portanto, é válido ressaltar que o *dar*, nesse tipo de construção, não possui o seu próprio significado de doação, mas, junto com a nominalização em *-ada*, passa a portar um novo valor semântico. A autora exemplifica essa construção com a oração *O Pedro deu uma incrementada na receita*, em que *x* representa increment- [V<sub>dar</sub>+ uma + X(increment)ADA], essa sen-



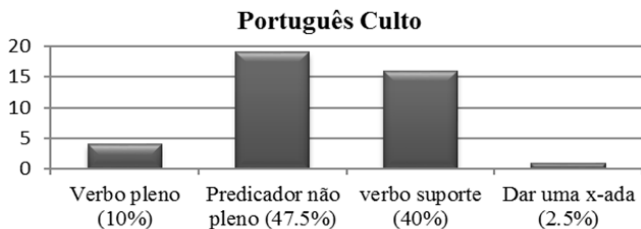
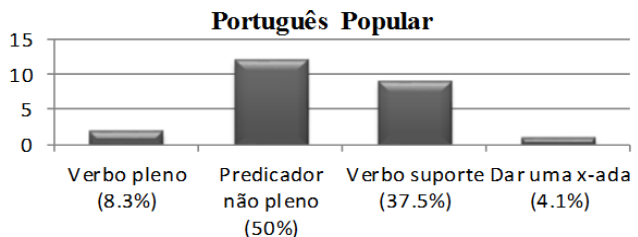
tença pode ser parafraseada por *O Pedro incrementou a receita* (SCHER, 2005, p. 82). Há, nos *corpora* analisados, algumas ocorrências, como:

(19) Vou descansar um pouco, vô também *dar* uma estudada pros processos de especialização. J LS (*Corpus PCVC*)

(20) *Dá* uma viajadinha pra lá pra São Paulo. CDS (*Corpus PPVC*)

A ocorrência 19, assim como propõe Scher (2005), possui o sentido de *um pouco*, pois o informante além de descansar, pretende estudar um pouco. No segundo caso, ocorre uma variação do modelo proposto pela autora, visto que a nominalização não é mais *ada*, mas, sim, *inha*, percebemos que para oferecer maior ênfase à viagem rápida, a informante utiliza, além da construção supramencionada, o diminutivo, o que resultaria em uma adaptação da representação em: [V<sub>dar</sub> + uma + X (viajad)INHA].

Portanto, diante dessa breve análise, notamos que o verbo *dar* passa a ter sentidos distintos à medida que o processo de gramaticalização avança. O fato de uma forma ser empregada em um maior número de contexto gera o aumento de sua produtividade e, conseqüentemente, o seu esvaziamento semântico. Para concluir essa seção, é possível fazer uma análise quantitativa da categorização dos dados encontrados da seguinte forma:



Dentre as ocorrências analisadas, o verbo *dar* é mais utilizado como predicador não pleno (50.8%), o verbo é empregado em seu sentido pleno apenas em 4.9% das ocorrências. Já o verbo suporte corresponde a 40.9% dos casos. Embora tenhamos discutido as expressões cristalizadas, na presente análise, elas não foram discutidas. Observamos, então, que o verbo *dar* é utilizado em seu modelo prototípico, mas a sua natureza polissêmica está ganhando espaço na língua em uso.

## 5. Considerações finais

Notamos que o processo de gramaticalização é o responsável pela capacidade categorial do verbo *dar*. Além disso, percebemos a sua potencialidade polissêmica e o comportamento sintático e semântico desse verbo. Com relação a abstratização, podemos constatar que o verbo *dar*, com o seu sentido concreto de doação, transferir, ceder<sup>94</sup>, pode obter o traço mais abstrato em construções como *dar informação*, já que o que será transferido não é um objeto concreto. O *dar* é usado, então, como suporte ao predicador, essa escolha reflete a busca por sentidos particulares, o que contribui para os novos sentidos atribuídos ao verbo.

Ao pertencer as categorias de verbo pleno, verbo predicador não pleno, verbo suporte, expressão cristalizada e a estrutura *dar x-ada*, ratificamos a ideia de que o verbo *dar* possui uma natureza polissêmica. Nessa perspectiva, é importante salientar que as variações presentes nesse verbo confirmam a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação/interação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. *Construções com DAR + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Moura de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACIEL, João Wandemberg G. *Construções lexicais complexas consti-*

---

<sup>94</sup>Houaiss (2009) classifica o verbo *dar* com o sentido de doação.

*tuídas com o verbo dar: processos metafóricos de construção de sentidos*. 2005. Tese (Doutorado). – UFPB/BC, João Pessoa.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, M. H. M. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: BASÍLIO, M. *A delimitação das unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 98-114.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Estudo das construções com verbo suporte em português. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.) *Gramática do português falado*, vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, 1996.

RASSI, Amanda P.; VALE, Oto A. Tipologia das construções verbais em português do Brasil: uma proposta de classificação do verbo dar. *Calígrama*, Belo Horizonte, vol. 18, n. 2, p. 105-130. 2013.

SALOMÃO, M. M. M. *Polysemy. Aspect and modality in Brazilian Portuguese. The case for a cognitive explanation of grammar*. 1990. Tese (de doutorado). – University of California at Berkeley.

SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve "dar" e as nominalizações em -ada no português do Brasil*. Campinas: [s.n.e.], 2005.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (de doutorado). – UFSC, Florianópolis.